



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11026 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 14 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

Internacionalização do Ensino Superior: Mobilidade Discente nos Trabalhos na ANPEd 2011 - 2021

Adma Palmira Jaime Noletto - PUC-GOIAS Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Maria Lucia Pacheco Duarte dos Santos - PUC-GOIAS Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Claudia Valente Cavalcante - UCG - Universidade Católica de Goiás

### **INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: MOBILIDADE DISCENTE NOS TRABALHOS NA ANPED 2011-2021**

O processo de internacionalização da Educação Superior vem acontecendo desde o aparecimento das universidades nos séculos XI e XII, porém o seu caráter inicial era eminentemente o de troca e de enriquecimento de saberes. Hodiernamente, vê-se um processo muito complexo de procedimentos pensados e com variados meios de implementação que justificam a sua aplicação no meio acadêmico. Diante da complexidade da sociedade vigente, há uma crescente demanda por uma Educação Superior cada vez mais qualificada e eficiente que responda ao mercado mundial impulsionado pela globalização e sua visão mercantilista global. Ao mesmo tempo e, contraditoriamente, esse novo campo científico é marcado pelo respeito à diversidade e por interlocuções de diversos organismos internacionais, com reflexos nas universidades pela internacionalização de seus quadros docente, discente e técnico-administrativo, assim como o estrutural.

Nesse sentido, apresenta-se um conceito de internacionalização das Instituições de Ensino Superior/IES como sendo um processo que visa integrar a dimensão intercultural, internacional ou global nos cursos, nas funções e nos programas dos sistemas escolares pós-secundários (KNIGHT, 2004). Ainda, para alguns autores como Santos e Almeida Filho (2012 *apud* MAUÉS *et al.*, 2017) a internacionalização passou a se constituir como uma quarta missão das universidades, unindo-se ao ensino, pesquisa e extensão. Para as IES,

internacionalizar-se compreende uma gama de motivos, objetivos, necessidades e compromissos envolvedores de diferentes agentes tanto internos ao seu quadro, quanto externos a ele em dimensão nacional e internacional, almejando o ganho dos capitais simbólico, social, cultural e econômico formadores do monopólio da competência científica. (BOURDIEU *apud* ORTIZ, 1983)

No Brasil, não temos uma regulamentação nacional norteadora dessas práticas, as IES guiam-se por práticas internacionais já consolidadas e desenvolvem seus próprios regulamentos internos, por meio dos quais relacionam-se com universidades de diversos países, lembrando que a maior procura se dá por países do Norte Global, acreditados como portadores de conhecimento e informação científicos legítimos. Nesse aspecto, cumpre discorrer brevemente sobre as diversas modalidades de internacionalização no século XXI praticadas como meios de aprofundamento das relações interculturais, sociais e educacionais, sem olvidar-se da visão mercadológica que se impõe.

Segundo Hudzik (2011 *apud* MOROSINI, 2021, p. 57), a Internacionalização Integral (Comprehensive Internationalisation) dentro das universidades alcança grande amplitude ao interferir no “*ethos* e os valores institucionais e afeta a instituição da Educação Superior em sua totalidade”. Nesse tipo de internacionalização a IES se reorganiza estruturalmente como um todo, envolvendo seus aspectos humano e estrutural, os quais passarão a ter uma outra perspectiva para além daquela já consolidada, qual seja: adaptações e abertura ao processo da missão de internacionalização interna.

Na modalidade de Internacionalização de Currículo (IoC) é imperioso compreender que o conteúdo curricular é um elemento formativo do indivíduo e que tem ligação direta com a cultura, como passado e como futuro, em uma nova dimensão de garantia de continuidade da história, inovação e/ou mudança dessa mesma história, bem como é elemento de unificação dessa universidade. Essa modalidade alcança o currículo formal e o informal, ambos deverão ter inseridas em suas atividades extra-classe, de ensino, de aprendizagem, de conteúdo e de avaliação fundamentos da internacionalização como destaque e nova prática.

No que se refere à Internacionalização em casa (IaH), ela ganhou notoriedade diante do quadro pandêmico vivido globalmente nos últimos quase três anos. E o que efetivamente corroborou sua difusão foram as tecnologias possibilitadoras de comunicação virtual. Ela traz uma conotação de inclusão social maior do que a mobilidade física, porém, não podemos deixar de mencionar que, ainda que mais democrática, essa modalidade exige um mínimo de capital econômico para o acesso ao conteúdo virtual. Ela envolve experiências entre os vários atores das universidades alcançáveis pelas vias virtuais.

A internacionalização transfronteiriça (Cross-border) alcança a transcendência física das fronteiras nacionais por discentes, docentes ou técnicos-administrativos, onde haverá uma imersão física em outro país com ganhos de saberes, de cultura, sociais, de relações e outros apreendidos pela convivência *in locu*. E aqui se encontra o tema da pesquisa de mestrado

acadêmico em Educação em andamento na qual investiga-se em que medida a mobilidade física estudantil contribui para o processo formativo do jovem universitário.

Sob esse olhar, analisou-se trabalhos publicados pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) desde 2011 até 2021. Nesse recorte temporal foi realizado o estado do conhecimento por meio de levantamento na website da Anped Nacional e suas Regionais onde foram encontrados um total de 25 trabalhos e um mini-curso discutindo o tema internacionalização na Educação Superior. No que tange à mobilidade internacional de discentes foram encontrados 04 trabalhos na Regional Nordeste e 01 trabalho na Regional Sul.

Com o título “Internacionalização da educação e mobilidade em questão”, as autoras Maria Isabel da Cunha e Maria Janine Dalpiaz Reschke apresentaram no Encontro da Regional Sul no ano de 2016 a discussão acerca da internacionalização do Ensino Superior como melhora da qualidade do ensino e como exigência às universidades brasileiras. Sugerem as autoras uma atenção prévia à preparação dos alunos antes do início do processo, da mesma forma defendem que haja vias de dimensões no mínimo local possibilitadoras da partilha dos conhecimentos e saberes adquiridos individualmente pelos egressos.

Em se tratando do Encontro da Regional do Nordeste, no ano de 2018, foram encontrados dois trabalhos desenvolvidos dentro da Universidade Estadual da Bahia/UNEB. No primeiro, os autores Mateus Santos Souza e Natanael Reis Bomfim, com o trabalho “A internacionalização na educação superior: mapeando a mobilidade discente na Universidade Estadual da Bahia/UNEB” discorreram acerca dos Acordos de Cooperação da UNEB para os cursos de pós-graduação correlacionando-os a documentos de programas de instituições federais relacionados ao tema. À época sem a finalização, os autores esperam a formação crítica de pesquisadores brasileiros diante das interlocuções científicas. No segundo trabalho, a “Internacionalização e mobilidade discente no curso de Administração do DCHT Campus XVIII da Universidade Estadual da Bahia”, Robson Braga e Henderson Carvalho Torres investigaram o nível de conhecimento dos discentes do curso de administração da UNEB quanto à internacionalização e programas de mobilidade discente ofertados pela Universidade. Concluíram que mais da metade dos respondentes da pesquisa desconheciam o que é internacionalização e muitos não sabiam dos seus programas oferecidos.

Ainda em 2018, um terceiro trabalho das autoras Fabiana Araújo Nogueira e Alda Maria Duarte de Araújo Castro, intitulado “Internacionalização da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil: uma análise da mobilidade estudantil no exterior”, investigou os anos de 2013-2016 concluindo que a internacionalização deve ser prioridade e que o decréscimo do número de bolsas de estudo compromete o instituto apresentando retrocesso junto às políticas públicas.

Em sequência, e também ainda nos Encontros da Regional Nordeste, no ano de 2000 foi apresentado pelos autores Paulo César Marques de Andrade Santos e Antônio Ricardo de

Souza Santos uma tese de doutoramento nomeada de “Uso da Etnometodologia na pesquisa de políticas públicas educacionais: a mobilidade acadêmica internacional”, na qual se analisou hábitos cotidianos de brasileiros em universidades em Lyon-França como suporte investigatório. Concluiu-se que o choque cultural e as políticas internas de receptividade das universidades francesas em questão corroboram fortemente para o processo formativo desses alunos.

Por conseguinte, pode-se afirmar que dentre os trabalhos acima relacionados há a unanimidade ao pontuarem a internacionalização como uma vivência relevante ao processo formativo dos indivíduos em mobilidade, bem como o pujante aumento do capital cultural, conhecimentos e saberes científicos individuais adquiridos e possibilitadores de uma nova visão de mundo.

Nesse mesmo diapasão, a maioria dos trabalhos citou a aquisição da língua estrangeira como forma de diálogo com a comunidade local e de elevação do sentimento de pertencimento à cultura do país receptor. Em menor número, observou-se o relato de diferentes experiências de tratamento dado aos alunos em mobilidade, por exemplo, ao serem apontados como potenciais ameaças diante das competitivas empregabilidade e economia global fortemente presentes em universidades estrangeiras.

Dentre as dessemelhanças trazidas pelas diversidades dos objetos de estudo dos trabalhos sob investigação cita-se: deficiente retorno da experiência no exterior adquirida pelo estudante ao regressar à universidade de origem; exclusão das ciências sociais e humanas na distribuição de bolsas de estudo no Programa Ciências sem Fronteiras, criando disciplinas de “segunda categoria”; falta de estruturas humana e organizacional ao acolhimento e suporte aos alunos estrangeiros por universidades brasileiras; pouca procura por universidades situadas no Sul Global; insuficiente capital econômico e/ou conhecimento de língua estrangeira como maiores empecilhos aos discentes da graduação para candidatarem-se nos programas de mobilidade internacional.

Como se observa, a internacionalização como processo em implementação e vivência dentro das universidades brasileiras é um forçoso e real predicado delas esperado diante da comunidade internacional e nacional. No Brasil, esse processo está em difusão e acompanha algumas peculiaridades nacionais ao mesmo tempo que busca se enquadrar nas diretrizes internacionais propostas a esse nicho científico.

Apresenta-se preocupante a diminuição de incentivos aos programas e acordos relacionados à internacionalização na Educação Superior, locus prioritário de pesquisas e aprendizados formativos, da mesma forma, questiona-se o não-aproveitamento das experiências de ensino-aprendizagem, cultural, social, econômico que os egressos trazem e tão pouco explorados. Os conhecimentos adquiridos nesse processo não são socializados na comunidade acadêmica de retorno e há uma perda qualitativa nesse processo que não se finda com o encerramento no exterior.

Palavras-Chave: Internacionalização. Educação Superior. Mobilidade Discente. ANPEd.

## REFERÊNCIAS

ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <https://www.anped.org.br/> Acessado em 30 jun. 2022.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu: Coleção Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 122 – 154.

KNIGHT, Jane. **Internationalisation remodeled: Definition, Approches and Rationales**. <http://www.theglobalclass.org/uploads/2/1/5/0/21504478/rationale.pdf> Acessado: 12, jun. 2022.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; BASTOS, Robson dos Santos. **Políticas de internacionalização da Educação Superior: o contexto brasileiro**. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/28999/16527> Acessado em: 12 jun. 2022.

MOROSINI, Marília; CORTE, Marilene Gabriel Dalla. Internacionalização da Educação Superior. In: MOROSINI, Marília (org.). **Enciclopédia Brasileira de Educação Superior**. Porto Alegre: Ed. EdIPUCRS, 2021, v. 01, p. 35-170.